

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENVELHECIMENTO HUMANO

Surpresas do passado e percepções contemporâneas
Fotografia, memória e mundo do trabalho

Rafael Czamanski

Passo Fundo
2018

Rafael Czamanski

Surpresas do passado e percepções contemporâneas
Fotografia, memória e mundo do trabalho

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Envelhecimento Humano da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Envelhecimento Humano.

Orientadora:

Profa. Dra. Eliane Lucia Colussi

Coorientadora:

Profa. Dra. Helenice de Moura Scortegagna

Passo Fundo
2018

CIP – Catalogação na Publicação

- C998s Czamanski, Rafael
Surpresas do passado e percepções contemporâneas:
fotografia, memória e mundo do trabalho / Rafael
Czamanski. – 2018.
70 f. : il. ; 30 cm.
- Orientadora: Dra. Eliane Lucia Colussi.
Coorientadora: Profa. Dra. Helenice de Moura
Scortegagna.
Dissertação (Mestrado em Envelhecimento Humano) –
Universidade de Passo Fundo, 2018.
1. Envelhecimento. 2. Fotografia. 3. Memória coletiva.
4. Universidade de Passo Fundo. I. Colussi, Eliane Lucia,
orientadora. II. Scortegagna, Helenice de Moura,
coorientadora. III. Título.

CDU: 613.98

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO



PPGEH

Programa de Pós-Graduação em Envelhecimento Humano
Faculdade de Educação Física e Fisioterapia - FEFF

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

A Banca Examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação:

"Surpresas do passado e percepções contemporâneas - Fotografia, memória e mundo do trabalho"

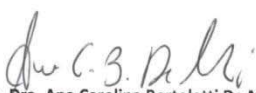
Elaborada por

RAFAEL CZAMANSKI

Como requisito parcial para a obtenção do grau de
"Mestre em Envelhecimento Humano"

Aprovado em: 21/08/2018
Pela Banca Examinadora


Prof. Dra. Eliane Lucia Colussi
Orientadora e Presidente da Banca Examinadora - UPF/PPGEH


Prof. Dra. Ana Carolina Bertoletti De Marchi
Universidade de Passo Fundo - UPF/PPGEH


Prof. Dra. Flávia Eloisa Caimi
Universidade de Passo Fundo - UPF/FAED


Prof. Dra. Patrícia da Silva Valério
Universidade de Passo Fundo - UPF/IFCH

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, em primeiro lugar, à minha família. Ao meu filho Pedro e à minha esposa Patrícia. Também, à minha mãe Julia, ao meu pai Ronaldo e à minha irmã Gisele. Agradeço ao meu avô, Sr. Deoclides Mário Czamanski (*in memoriam*), fotógrafo que capturou as imagens utilizadas na pesquisa e que, através do seu olhar, registrou a criação e, também, os criadores da Universidade de Passo Fundo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço aos participantes da pesquisa, os “narradores”, que sempre me receberam com atenção e me proporcionaram acesso o seu passado e suas histórias. Vocês contribuíram de forma única para a formação de novos pesquisadores na área do envelhecimento humano.

Agradeço à orientadora, Profa. Dra. Eliane Lucia Colussi, que, durante todas as etapas do trabalho, me orientou com dedicação e precisão em suas considerações. Da mesma forma, agradeço à coorientadora Profa. Dra. Helenice de Moura Scortegagna, sempre concisa em suas observações, e ao historiador Roberto Bilukzyc, que auxiliou na transcrição das entrevistas.

Aos professores, aos colegas e aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Envelhecimento Humano da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade de Passo Fundo, pela convivência agradável e pelas novas amizades conquistadas no decorrer do curso. Na minha unidade, a FAC, agradeço a todos os colegas e funcionários pelo apoio nesta nova caminhada. Em especial, ao Prof. Dr. Cleber Nelson Dalbosco, que sempre me incentivou e orientou para o ingresso no Mestrado. Da mesma forma, agradeço ao Prof. Me. Olmiro Schaeffer, cujo convite me levou a fazer parte do corpo docente da FAC.

Agradeço, em especial, à minha esposa Patrícia Boaretto, pela dedicação com a nossa família e pela compreensão nos momentos de ausência, e à minha mãe Júlia, que sempre acreditou e rezou por mim.

Muito obrigado a todos!

EPIGRAFE

“Nós tomamos como certo e não valorizamos devidamente o maravilhoso dom da visão, a menos que ou até que ela não nos sirva consistentemente como esperamos ou desejamos. Nós podemos olhar para trás, para um passado distante, e isso nos ajuda a compreender as nossas vidas e o mundo em que vivemos”.

Joan Mowat Erikson

RESUMO

CZAMANSKI, Rafael. **Surpresas do passado e percepções contemporâneas: fotografia, memória e mundo do trabalho.** 70 f. Dissertação (Mestrado em Envelhecimento Humano) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2018.

O presente estudo analisou as memórias e as narrativas dos professores aposentados da Universidade de Passo Fundo (UPF). O ato de “olhar para trás na história” foi auxiliado por registros fotográficos obtidos ao longo da história da instituição educacional. Por meio de fotografias, promoveu-se o “start” das lembranças e das trajetórias desses personagens durante a sua narração. Dessa forma, explorou-se a memória coletiva de idosos enquanto sujeitos pertencentes a um grupo social. Para a escuta das narrativas e construção de uma análise consistente, foram aplicadas as técnicas da história oral. As entrevistas foram orientadas com o auxílio de ampliações fotográficas seguidas de tópico guia, com questões norteadoras, e as narrativas foram interpretadas à luz do conceito de memória coletiva, teoria criada por Maurice Halbwachs, sociólogo francês. Em seus relatos, os docentes compartilharam particularidades, dentre elas destaca-se: os vínculos empregatícios com a entidade, a faixa etária e a fase de aposentadoria desses indivíduos. Ao promover uma incursão teórica e multidisciplinar, a fotografia permitiu acessar a memória e as percepções sociais dos professores aposentados. Entre os resultados do estudo, ficou evidenciado que a fotografia pode ser um elo entre o passado e o presente, pois os docentes, por meio de registros fotográficos, se reconhecem como sujeitos históricos e partícipes da história institucional. Os participantes da pesquisa evidenciaram sentimentos, lembranças e memórias nas suas narrativas. O uso de fotografias da Instituição contribuiu para que os entrevistados estabelecessem uma ligação entre memória coletiva e mundo do trabalho.

Palavras-chave: 1. Fotografia. 2. Memórias. 3. Narrativas. 4. Envelhecimento. 5. Mundo do trabalho.

ABSTRACT

CZAMANSKI, Rafael. **Surprises of the past and contemporary perceptions:** photography, memory and the world of work. 70 f. Dissertation (Masters in Human Aging) – University of Passo Fundo, Passo Fundo, 2018.

The following study has analyzed the memories and the narratives of retired teachers of the University Universidade de Passo Fundo (UPF). Photographic records obtained during the course of History of the Educational Institute assisted in the act of 'looking back in History'. Memories and trajectories of these characters were stimulated during their narratives with the help of photos. This way, social and collective perceptions or the elderly while individuals belonging to a social group could be explored. In order to hear the narratives and build a consistent analysis, techniques of oral storytelling were applied. Photographic enhancements followed by guideline topics oriented the interviews with guiding questions; the narratives were interpreted following the concept of collective memory, a theory created by Maurice Halbwachs, an important French sociologist. In their reports, the faculty members shared certain particularities; among them stood out: the employment connections with the entity, the age range, and the retirement stage of these individuals. While promoting a theoretical and multidisciplinary incursion, Photography allowed accessing the memory and social perceptions of the retired teachers. Among the results of the study, it became evident that Photography could be a link between Past and Present, since the faculty members, with the aid of photographic records, recognized themselves as historical subjects and participants of institutional History. The attendees of the research demonstrated feeling, remembrances and memories in their narratives. The use of photos of the Institution contributed so that the interviewed could establish a connection between the collective memory and the work field.

Key words: 1. Photography. 2. Memories. 3. Narratives. 4. Aging. 5. Work field.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CM	Centímetros
CUC	Consórcio Universitário Católico
FAC	Faculdade de Artes e Comunicação
FUPF	Fundação Universidade de Passo Fundo
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia Estatística
OMS	Organização Mundial de Saúde
P	Professores
RS	Rio Grande do Sul
SPU	Sociedade Pró-Universidade
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UPF	Universidade de Passo Fundo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 REVISÃO DA LITERATURA	15
2.1 <i>Envelhecimento, sociedade e memória coletiva.....</i>	<i>15</i>
2.2 <i>Fotografia: aspectos introdutórios</i>	<i>20</i>
2.3 <i>Fotografias, memória e reconstituição do “passado”.....</i>	<i>22</i>
2.4 <i>Envelhecimento e fotografia.....</i>	<i>25</i>
3 PRODUÇÃO CIENTÍFICA I	28
3.1 <i>Docentes universitários e depoimentos: a memória cristalizada em imagens.....</i>	<i>28</i>
3.2 <i>Introdução</i>	<i>29</i>
3.3 <i>Material e métodos.....</i>	<i>32</i>
3.4 <i>Caracterizações dos participantes da pesquisa</i>	<i>34</i>
3.5 <i>Conclusão</i>	<i>45</i>
3.6 <i>Referências da produção I.....</i>	<i>45</i>
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS	50
ANEXOS	53
Anexo A - <i>Olimpíadas Universitárias - 1961.....</i>	<i>54</i>
Anexo B - <i>Olimpíadas Universitárias - 1961.....</i>	<i>55</i>
Anexo C - <i>Colaço de Grau – Belas Artes - 1962.....</i>	<i>56</i>
Anexo D - <i>Desfile dos Bixos 1965.....</i>	<i>57</i>
Anexo E - <i>Ônibus UPF - 1965</i>	<i>58</i>
Anexo F - <i>Desfile dos Bixos 1968</i>	<i>59</i>
Anexo G - <i>Agradecimentos pela criação da UPF - 1968.....</i>	<i>60</i>
Anexo H - <i>Inauguração do Curso de Agronomia UPF - 1968</i>	<i>61</i>
Anexo I - <i>Faculdade de Odontologia - 1968.....</i>	<i>62</i>
Anexo J - <i>Vista aérea UPF 1975.....</i>	<i>63</i>
APÊNDICE	64
Apêndice A - <i>Parecer consubstanciado do CEP.....</i>	<i>65</i>

1 INTRODUÇÃO

Há algumas décadas, envelhecer significava viver excluído da sociedade, ou, em alguns casos, ser um peso para a família. Atualmente, tal concepção já não condiz com o mundo contemporâneo. Nos últimos anos, com o avanço das ciências e, particularmente, da medicina, o processo de envelhecimento passou a ser vivido com mais qualidade. Sabe-se que o perfil do idoso do século XXI está mudando: ele deixou de ser uma pessoa que vive apenas das lembranças do passado, recolhido em seu aposento, tornou-se uma pessoa ativa, capaz de produzir, um consumidor de produtos que intervém nas mudanças sociais e políticas. Nesse sentido, estudiosos constataram que se deve prestar atenção a outras dimensões da vida, como, por exemplo, o estímulo às atividades mental, intelectual e cultural, além das vinculadas à saúde e ao corpo (SILVEIRA; PASQUALOTTI; COLUSSI, 2012).

Os registros fotográficos estimulam a atividade mental e intelectual. Assim, por meio de imagens, os indivíduos a utilizam como uma importante ferramenta de resgate e construção de suas memórias. A fotografia pode reviver o passado, retomar o que estava perdido. Por meio das imagens, viajamos no tempo. Portanto, quando nos depararmos com fotografias antigas, o tempo congela, e, em seguida retrocede. Por tudo isso, os sentimentos, as ações das pessoas em seu cotidiano, muitas vezes, encontram na fotografia sua melhor forma de expressão, pois as pessoas não se esgotam em suas narrativas, não são apenas seres pensantes capazes de expressar-se exclusivamente pela narrativa oral. A fotografia apresenta, o esquecido, incita memórias e sentimentos (JUSTO, 2009).

Há algo que a narrativa não é capaz de revelar, algo que as pessoas efetivamente sentem e fazem em seu cotidiano, que, dificilmente, é expresso em palavras. É nesse sentido que a fotografia revela não apenas lugares e objetos memoráveis, mas, também,

um modo de viver expresso “nos utensílios domésticos e na vestimenta, que revelam toda sua expressividade no enquadramento fotográfico” (FREIXO, 2011, p. 238).

Do mesmo modo, memórias, lembranças, rememorações de um determinado passado, em particular, vindas de narrativas de pessoas idosas, adquirem significância individual, coletiva/social e cultural. Trata-se de identidades socialmente construídas e culturalmente vinculadas ao passado, presente e futuro. Porém, salienta-se que ninguém pode lembrar realmente a não ser em sociedade, e que “um homem que se lembra sozinho do que os outros não lembram é como alguém que enxerga o que os outros não veem” (HALBWACHS, 2006, p. 2).

Tendo por base o uso da fotografia para evocar as narrativas e as memórias dos entrevistados, o presente trabalho procura desenvolver uma abordagem multidisciplinar. A imagem fotográfica por ter caráter testemunhal e fidelidade imagética tem contribuído com o campo de investigação da memória social e coletiva, pois o registro e a representação visual da fotografia podem ser imageticamente identificados como uma “fração” de memória ou um sociograma, como afirma Bordieu (1979). Na fase da velhice, retomar o passado oportuniza novas percepções, todas as qualidades do passado assumem novos valores que deveríamos estudar por eles mesmos e não pelos seus antecedentes (ERIKSON, 1998, p. 57).

Na construção deste estudo três aspectos foram significativos: o primeiro, o contato diário com a fotografia me instiga para o aperfeiçoamento no mundo das imagens, sou fotógrafo desde 1997 e, no decorrer desses 21 anos, muitas inovações sobre a fotografia e o ato de fotografar apareceram. A fotografia contemporânea transita em diferentes locais e áreas do conhecimento, a “metamorfose fotográfica” para o sistema digital viabilizou sua expansão, conseqüentemente, o mercado fotográfico está mais acirrado do que nunca. Hoje, o profissional da fotografia necessita de aprimoramento constante, de acordo com esse pensamento, prossigo estudando, pois, é por meio das imagens que me expresso, é pela fotografia que sou conhecido e reconhecido. A foto me impulsiona para saber mais sobre as pessoas e suas histórias, de igual forma a fotografia

é recoberta de significados e decifrações. O segundo aspecto na construção deste trabalho é amparado pelo sentimento de gratidão e amor pelo meu avô, Sr. Deoclides (*in memoriam*), ele foi um homem de imagens, de boas histórias e de muito amor e atenção para aqueles que estavam a sua volta. Dessa forma, durante as entrevistas várias vezes ele foi citado e enaltecido, além disso, sua presença está latente nas imagens, ele capturou as fotografias na sua jornada de trabalho e, também os ofícios de outros, estes por meio das imagens se reconhecem e reconhecem os outros partícipes de sua história. O terceiro aspecto relevante na construção deste trabalho deve-se ao meu contato com os alunos, lecionei na UPF por quatro anos e seis meses na FAC, esse convívio alunos e professor me encantam, pois, gosto da vivência acadêmica.

Portanto, este estudo teve como objetivo analisar narrativas de docentes universitários aposentados a partir de registros fotográficos do passado, investigando se esse processo permite a construção de uma memória coletiva acerca de diferentes momentos do mundo do trabalho.

Nessa direção, esta dissertação está estruturada da seguinte forma: introdução geral, revisão de literatura, produção científica I, intitulada “Docentes universitários e depoimentos: a memória cristalizada em imagens” e considerações finais, seguidas pelos anexos.

2 REVISÃO DA LITERATURA

A fundamentação teórica deste estudo contempla as concepções e os conceitos relacionados ao envelhecimento, à memória coletiva e à fotografia. Busca-se, nesse processo, compreender e apresentar o processo fotográfico e seu vínculo com o momento histórico, suas imagens, símbolos e reflexões sobre imagem e significados. Dessa forma, esta parte da dissertação está subdividida nos seguintes itens: Envelhecimento, sociedade e memória coletiva; Fotografia: aspectos introdutórios; Fotografias, memória e reconstituição do “passado” e Envelhecimento e fotografia.

2.1 Envelhecimento, sociedade e memória coletiva

O processo de envelhecimento humano tem se tornado tema e objeto de estudo de diversas áreas do conhecimento, e, devido à sua natureza complexa, pesquisas abordando o entrelaçamento do envelhecimento com as memórias são desenvolvidas, em especial na área da saúde, das humanidades, das áreas tecnológicas e do direito. Isso se justifica em razão de que, do ponto de vista da importância da memória no processo de envelhecimento das pessoas, diversas abordagens são possíveis e necessárias.

A memória, da perspectiva do desenvolvimento humano e social, em especial no processo de envelhecimento das pessoas, encontra-se relacionada aos campos de estudos da psicologia social, da história e da sociologia, entre outras. Na maior parte dos estudos dessa natureza, em se tratando de Brasil, a fonte de memórias e lembranças é composta por narrativas orais e histórias de vida de idosos.

O testemunho, as narrativas orais, apresenta-se como a história viva dos narradores que ao narrarem os fatos por eles presenciados promovem uma reflexão sobre a sua

trajetória individual e coletiva, assim, os participantes vão remontando o “quebra-cabeças” de suas vidas.

As histórias pessoais conquistam alcance social quando, de alguma forma, expressam situações comuns aos participantes. Dessa forma, cada participante deixa a sua marca, o seu relato. Essas falas, os relatos, ganham importância ao expressarem as vivências e as trajetórias únicas do indivíduo representante de um determinado grupo na sociedade. Diante disso, as histórias pessoais alcançam níveis sociais na medida em que cada pessoa antecipa a sua história e a história de outros também. (MEIHY, 2000). Como pressuposto, a história oral implica em uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado. A presença do passado no presente imediato das pessoas é a razão de ser da história oral (MEIHY, 2000, p.18).

Uma parte significativa de trabalhos que contemplam a história oral tem se ocupado na representação de identidades de grupos discriminados ou “esquecidos” pela sociedade, dessa forma, a história oral justifica-se ao promover a escuta dessas pessoas, desses grupos. O objetivo nesse caso é reforçar os espaços políticos para esses grupos que sob nova interpretação podem ter maior visibilidade social. A técnica da História oral é um recurso moderno usado na construção de documentos, arquivamentos e estudos referentes à experiência social de pessoas e grupos sociais, segundo Meihy, ela é sempre uma história do tempo presente também reconhecida como a história viva (MEIHY, 2000, p. 25).

Os entrevistados, ao narrarem as suas histórias, recriam a sua versão dos fatos a partir de suas lembranças, de sua memória, essa fala é gravada e posteriormente é transcrita. A história oral se apresenta como mediadora entre os relatos orais e os documentos escritos.

Entre os estudos sobre memória e velhice, merece destaque a obra de Ecléa Bosi (1994), que se constitui numa das principais referências no que refere ao marco teórico e metodológico. Em pesquisa, a autora realizou entrevistas com oito idosos, trabalhadores urbanos da cidade de São Paulo, que estavam, no período da investigação, com 80 anos ou mais. As narrativas das suas histórias de vida tiveram como fio condutor ou teias o mundo do trabalho, comum a todos os participantes da pesquisa. A relevância da sua obra, além da riqueza das narrativas, encontra-se no arcabouço teórico que permitiu que a interpretação das memórias e lembranças adquirisse significados importantes, em especial a memória como fato social e coletivo.

Entre os teóricos nos quais Bosi sustentou o estudo, encontram-se Henri Bérghson e Maurice Halbwachs. Para este estudo, utilizar-se-á Maurice Halbwachs, em especial no que se trata da memória como representação do passado e como memória social ou coletiva. Nessa perspectiva, entende-se a ideia de que a memória é fonte da essência da cultura, pois é na memória que o passado se conserva e que o presente adquire significância individual e social. Dessa forma, as lembranças e as rememorações permitem um alargamento das fronteiras do presente.

Ecléa Bosi fundamentou sua pesquisa, em grande parte, nos preceitos de Maurice Halbwachs (2006), para quem a memória é sempre precedida do “fato social” e do sistema social, que seriam mais importantes do que os fenômenos de ordem psicológica ou individual. Essa preexistência e esse predomínio do social sobre o individual deveriam, por força, alterar substancialmente o enfoque dos fenômenos psicológicos como a percepção, a consciência e a memória (BOSI, 2009).

Nessa perspectiva, a memória como fenômeno social pode ser conceituada como “quadros sociais da memória”, pois lembrar não é reviver, e sim reconstruir as experiências do passado com imagens e percepções contemporâneas. Quando se rememora um episódio vivido, deve-se questionar o quanto ele de fato foi real, uma vez que cada pessoa constrói suas lembranças a partir de imagens compostas pela experiência vivida e acumulada e pela consciência do mundo presente. A autora chama a atenção para

o fato de que, por mais clara e nítida, a lembrança “de um fato antigo” não será a mesma imagem experimentada na infância, por exemplo, “porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor” (BOSI, 2009, p. 54).

Para Halbwachs (2006), a memória da pessoa é ancorada na memória de um determinado grupo social e, portanto, na memória coletiva de uma determinada sociedade. Na elaboração ou construção mental da memória, as lembranças podem, a partir da vivência em grupo, ser reconstruídas ou simuladas. Nesse percurso, é possível que sejam criadas representações do passado assentadas na percepção de outras pessoas, no que se imagina ter acontecido ou a partir da internalização de representações de uma memória histórica. Também, a lembrança pode ser uma reconstrução do passado “com a ajuda de dados emprestados do presente, e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora se manifestou já bem alterada” (HALBWACHS, 2006, p. 75).

O indivíduo pertence a várias formas de coletividade, e a memória coletiva pode ser definida também a partir de quadros sociais que compõem a memória e as lembranças de cada indivíduo, e que são, na maioria das vezes, originadas nas memórias de grupos sociais. Assim, suas experiências, afetos, afinidades e lembranças estão, necessariamente, vinculadas a algum grupo social ou familiar que tem em comum um determinado passado. Halbwachs (2006) concluiu afirmando que um grupo que compartilha memórias constrói a sua história a partir de elementos da experiência comum, que é impregnada de emoções e significados.

Sobre estudos que envolvam a memória e a recuperação do passado por meio da rememoração, Diehl (2002) destaca que as variáveis espaço e movimento são fundamentais quando se trata de analisar narrativas e histórias de vida. Quando se seleciona um grupo de narrador-participantes de um estudo, as falas se enquadram num processo de ressimbolização e revalorização dos sentidos e funções culturais do passado.

Para o autor, não se recorre à memória como um ato apenas de busca de informações do passado, mas como um processo dinâmico de rememoração.

A memória possui contextualidade e é possível de ser atualizada historicamente, pois se constitui de elementos individuais ou coletivos, fazendo parte de perspectivas de futuro, de utopias, de consciências de passado e de sofrimento. Assim, a memória tem a capacidade de instrumentalizar canais de comunicação para a consciência histórica e cultural. A memória está intimamente ligada às tradições familiares, expressando, assim, a continuidade e a identidade dessas tradições. Quando assume características coletivas, adquire funções tais como de identificação cultural, de diferenciação e de integração a um determinado grupo social (DIEHL, 2002).

Nesse aspecto, Paul Ricoeur (1987) contribuiu em relação à importância da memória e das narrativas do passado. Para ele, narrar é um modo privilegiado de reconfigurar nossa experiência com o tempo passado. No ato de narrar acontecimentos já vividos, são desdobradas diversas tramas e episódios que produzem sentidos à medida que descrevem as experiências temporais. Nesse momento, o tempo linear se desdobra em várias ou múltiplas possibilidades. Na rememoração de um fato e sua narrativa, não existem regras lineares, pois o tempo da memória pode inverter ou distorcer aquilo que vai ser narrado.

Assim, o tempo ou a passagem do tempo ganha materialidade, e o narrador vai contando sua versão da história com seu estilo, suas percepções, suas lembranças, sua versão da história. Se o mesmo narrador for contar a mesma história em outro momento/tempo, a narração poderá ser completamente diferente de uma versão inicial ou anterior. Os acontecimentos apenas são significativos quando estão de alguma forma atrelados à passagem do tempo, à história (RICOEUR, 1987).

Em estudos sobre memória e envelhecimento, além das narrativas por meio de entrevistas, diversas outras possibilidades metodológicas têm sido utilizadas como meio de rememoração, entre as quais o uso de fotografias. A materialidade da fotografia se

consolida como uma confirmação de que o passado existiu para a memória. Conforme Justo (2012), o idoso/narrador, ao ver-se nas fotografias, pode reviver sua história e reavivar sua memória. O uso de fotografias como recurso metodológico possibilita, portanto, a interação com a temporalidade, isto é, coloca em circulação a possibilidade de pensar a fotografia não como um resgate do vivido, mas como um planejamento do futuro (JUSTO, 2012).

2.2 Fotografia: aspectos introdutórios

Estabelecer um diálogo científico entre envelhecimento, memória coletiva e registros fotográficos permite construir uma relação entre as experiências do passado, do presente e do futuro. Para a pessoa idosa, parte de suas memórias e lembranças se encontra materializada em objetos, diários, móveis e até fotografias. Para Freixo (2011), o conteúdo de cada fotografia configura-se como experiências de uma situação e/ou momento significativo. Tais experiências rememoradas por meio de fotos são “alimentadas de sensações e sentimentos e, de certo modo, as fotos auxiliam na restauração daqueles momentos que não podem voltar” (FREIXO, 2011, p.230). Assim, a fotografia é tida como elemento de materialização de memórias, elemento de comunicação e de conhecimento de si e do outro.

Em uma perspectiva histórica, importante mencionar, em 1826, um francês conseguiu capturar a imagem refletida pela luz, nascendo a primeira fotografia. Para Kossoy (2009), a fotografia teve papel fundamental “enquanto possibilidade inovadora de informação e conhecimento, instrumento de apoio à pesquisa nos diferentes campos da ciência e também como forma de expressão artística” (KOSSOY, 2009, p. 25).

Após o advento da fotografia, o mundo se tornou “familiar”, pois o processo fotográfico é o método de captura de imagens mais fidedigno que conhecemos. A fotografia, ao longo da segunda metade do século XIX, se engajou nas sociedades, e os fatos e costumes, gradativamente, se tornaram imortalizados pelos fotógrafos e entusiastas da época. A invenção da fotografia possibilitou novas formas de recordação.

No início do século XX, o mundo se revelou, assim, portátil e ilustrado, por meio da captura de imagens (KOSSOY, 2009, p.27).

Do ponto de vista da técnica, para a realização de uma fotografia, são necessários os seguintes elementos: o assunto, o personagem ou tema a ser fotografado, o fotógrafo ou operador do equipamento fotográfico e, por fim, a tecnologia, ou seja, o aparelho que irá gravar a cena em uma superfície fotossensível. A fotografia, enquanto produto final da interação desse processo, carregará consigo um recorte temporal do passado. Os elementos constitutivos da fotografia, segundo Boris Kossoy (KOSSOY, 2009, p. 38) são:

Assunto – tema escolhido, o referente visual do mundo exterior (natural, social, etc.)

Fotógrafo – autor do registro, agente e personagem do processo.

Tecnologia – materiais fotossensíveis, equipamentos e técnicas empregados para a obtenção do registro, diretamente pela ação da luz.

As coordenadas de situação:

Espaço – geográfico, o local onde se deu o registro.

Tempo – cronológico, época, data, momento em que se deu o registro.

Produto final, A Fotografia – a imagem, registro visual do mundo exterior, conjunto dos elementos icônicos que compõem o conteúdo e seu respectivo suporte; são os componentes (interligados) a serem detectados nos estudos históricos específicos, pois constantes em todos os processos.

Esses elementos são essenciais e indissociáveis na constituição da fotografia enquanto imagem fotográfica detentora de informações. As imagens revelam histórias, reavivam a memória e certificam o passado. Por meio das imagens do passado, as pessoas percebem que o “relógio” nunca para, não espera ninguém. As fotografias “antigas”, o papel fotográfico e as imagens fixadas pela luz se desgastam com o passar do tempo. Porém, o tema, o assunto por ela representado jamais se tornará obsoleto. A imagem propicia às pessoas identificação e condição de pertença cujo sentimento poderá estar atrelado a um grupo de pessoas, à família ou à sociedade.

Dessa forma, uma fotografia nos proporciona uma visão do passado, uma interrupção do tempo. Portanto, olhar para um registro fotográfico pode significar

percepções de um momento histórico específico com características econômicas, sociais, culturais e religiosas. O fotógrafo tem o poder de “aprisionar” o tempo, contudo, esse profissional, por meio da técnica, consegue capturar uma visão parcial de algum evento, a imagem resultante desse ato terá em sua gênese um pouco da visão cultural do seu autor. Quando o fotógrafo elege um determinado objeto, pessoa ou aspecto ele seleciona parte real. Além disso, a preocupação com a organização visual dos detalhes que compõem o assunto, “bem como a exploração dos recursos oferecidos pela tecnologia: todos são fatores que influirão decisivamente no resultado final e configuram a atuação do fotógrafo enquanto filtro cultural” (KOSSOY, 2009, p. 42).

No momento em que se olha para uma imagem inúmeros questionamentos podem ser relacionados: perceber, compreender, contemplar, observar, descobrir, reconhecer, visualizar, examinar, ler, olhar. Os inúmeros questionamentos permitem um repensar nos processos de leitura e interpretação de imagens. O ser humano é detentor de um sistema visual poderoso, pois se recorre ao meio visual para a tomada de decisões, para a escolha de nossas preferências, propiciando o afastamento de possíveis perigos (DONDIS, 2007).

Além disso, Dondis (2007) acredita que a fotografia nos proporciona o contato com as imagens. As informações visuais nos permitem a leitura e decifração dos seus símbolos. O contexto social atual é extremamente imagético, a imagem alcançou diferentes níveis em várias áreas do conhecimento, as fotografias são onipresentes: impressas em álbuns, reproduzidas em jornais, afixadas em outdoor, impressas em revistas, na web. Hoje, decorridos quase dois séculos, a fotografia se reinventou. Ela ainda recorre à luz para nascer, porém o seu “corpo jovem e digital” viaja na velocidade da internet, podendo ser criada em uma fração de segundos e, assim, também, nesse mesmo intervalo de tempo, viajar de um continente a outro.

2.3 Fotografias, memória e reconstituição do “passado”

A fotografia surge de uma parcela do tempo, de uma fração de segundos. Nascida do tempo e gerada pela luz, gravada pela prata ou pelo sensor digital, a foto desperta

emoções, certifica os acontecimentos e traz à vista o esquecido. Frequentemente, recorremos às fotografias de nossas vidas para deflagrar o processo de lembrar e, assim, reconstruir a versão dos acontecimentos passados (SIMSON, 1998). Por meio das imagens fotográficas, pode-se deslocar no tempo e até reviver boas e más lembranças que foram congeladas no papel fotográfico. Mais do que isso, a fotografia significa “as imagens que nos restaram e das histórias que nos chegam pelas tramas da rede familiar, construímos uma interpretação da figura e da atuação dos nossos antepassados no tecido social e transmitimos para as novas gerações” (SIMSON, 1998, p. 22).

Frequentemente, quando se olha uma fotografia, percebe-se que o tempo passou. Entretanto, esse passado pode ser revisitado na forma de lembranças e pensamentos. Conforme Simson (1998), nos anos de 1930 e 1940, ocorreram uma democratização do registro fotográfico, com o surgimento das máquinas fotográficas de operação simples e de baixo custo. Essa inovação tecnológica permitiu que a vida de grupos sociais e de indivíduos fosse registrada pela imagem. Tinha ficado para trás outras formas de registro do passado, tais como “livros de memórias, cartas ou diários” (SIMSON, 1998, p. 22).

Com as imagens fotográficas, o homem estabeleceu um novo método de aprendizagem do real, pois, a informação visual de outros povos e lugares distantes passaram a ser conhecidos pela representação fotográfica (KOSSOY, 2009, p. 27). Sabe-se que a fotografia não é o real, mas uma representação do real, contudo, sua condição técnica proporciona um registro fiel das pessoas, objetos ou lugares. A fotografia preserva a memória visual do aparente, dessa forma, a imagem fotográfica certifica que aquele personagem ou aquela cena existiu realmente (BARTHES, 2009, p. 92).

O documento fotográfico se sobressai dentre os demais documentos pictóricos e escritos, considerando-se sua aproximação com o real. Diante da imagem, o espectador vê uma cena real, um resquício de passado e, talvez, um fragmento de sua história. Os fragmentos congelados pela fotografia que às vezes revisitamos são uma fonte de

recordação e emoção. Assim, a imagem perene da fotografia viaja pelo tempo, consolidando-se como um insubstituível meio de informação (KOSSOY, 2009).

Contudo, o documento fotográfico não está isento de interferências, a imagem pode ser manipulada tanto na captura quanto na pós-produção. A fotografia ao longo de sua história não contou somente verdades. Os exemplos desse fato podem mencionar a exposição organizada em Paris na década de oitenta pelo jornalista Alain Jaubert intitulada *As Fotos que Falsificaram a História*, onde foram expostas quase uma centena de fotos “históricas” reconhecidamente adulteradas através de retoque ou colagem, como a célebre imagem de Lênin na tribuna (em 1920) de onde Trótski foi eliminado, o famoso enterro de Mão Tsé-Tung (1976) de onde foram apagadas as figuras da Camarilha dos Quatro, e o retrato de Fidel Castro tomado no Chile em 1971, de que o líder cubano mandou suprimir a figura do General Pinochet que posava a seu lado (MACHADO, 1998, p. 319). Entretanto, neste trabalho, a imagem fotográfica tem como função ilustrar o passado com a sua veracidade, haja vista, nada foi alterado nas fotografias apresentadas aos recordadores. Todas as capturas tem um viés jornalístico, dessa forma, certificam os acontecimentos de um período histórico riquíssimo na estruturação e criação da UPF.

O fotógrafo ou o autor do registro fotográfico irá contaminar a imagem com a sua própria cultura, a sua visão de mundo. Ao vislumbrar uma cena, ele irá promover um corte no tempo cronológico, ao mesmo tempo um corte no espaço geográfico e, por fim, se utilizará de um equipamento ou tecnologia para registrar o fato ou tema selecionado. O registro fotográfico documenta, certifica a existência do real e a percepção do fotógrafo sobre esse tema. A imagem fotográfica foi capturada também sobre superfícies como o metal, couro, vidro, papel e filme. Esses suportes ou materiais de origens diferenciadas não alteram o carácter singular da fotografia, o “espelho” do real.

O retrato fotográfico está ligado à existência real do indivíduo; o retrato pintado pode ser criado pela imaginação do seu autor. A câmera fotográfica se originou de experiências com a câmera obscura, uma caixa capaz de refletir a luz de uma cena sobre uma superfície plana, esse recurso era utilizado pelos pintores na produção de suas obras.

A câmera escura proporcionava maior precisão nas proporções dos desenhos, dessa forma, a pintura se aproximava do real (KOSSOY, 2009, p. 35).

A migração do processo fotográfico analógico para o sistema digital proporcionou o diálogo da fotografia com a tecnologia. Os sensores digitais eletrônicos das novas câmeras substituem com elevada competência os antigos filmes fotográficos. Mas esse fato é pouco relevante diante da mobilidade que as imagens ganharam com o formato digital. Hoje, decorridos quase dois séculos, a fotografia se reinventou, ela ainda recorre à luz para nascer, porém, o seu “corpo jovem e digital” viaja na velocidade da internet. A foto pode ser criada em uma fração de segundos e, assim, nesse mesmo intervalo de tempo pode viajar de um continente a outro. Advento conquistado nas últimas décadas, a fotografia, segue preservando fragmentos da realidade. Os personagens retratados envelhecem e morrem, os cenários se modificam se transfiguram e também desaparecem. Tal processo ocorre também com seus autores-fotógrafos e seus equipamentos (KOSSOY, 2009, p. 162).

Portanto, a fotografia enquanto objeto visual e fragmento do mundo nos revela, de forma ímpar, os acontecimentos das sociedades. Sua amplitude emocional e visual ultrapassa as barreiras do tempo. Assim, os fatos gravados pertencem a um passado remoto ou distante. Porém, esse passado ao ser revisitado poderá ser repensado e reavaliado nos contextos futuros, pois “de todas as artes da imagem, a fotografia é aquela em que a representação está, ao mesmo tempo, ontologicamente mais próxima de seu objeto, pois ela é sua emanção física direta, a impressão luminosa do seu referente (DUBOIS, 2000, p. 348).

2.4 Envelhecimento e fotografia

O uso das tecnologias promoveu avanços importantíssimos, não apenas na área da fotografia. A medicina, nos últimos 50 anos, avançou mais do que em toda sua história: exames por imagens, tomografias computadorizadas e diagnósticos precisos na detecção de doenças. Esses progressos na área médica já promovem um aumento considerável na

expectativa de vida em diversos países. A Organização Mundial de Saúde (OMS, 2005) estima que o contingente de idosos brasileiros possa chegar em 2050 a, aproximadamente, 70 milhões, cerca de 30% da população total, colocando o Brasil como o quinto país com o maior número de pessoas mais velhas.

Sabe-se que o envelhecimento demográfico é um processo irreversível e atinge grande parte da população mundial. Assim, a população brasileira experimenta grandes transformações, expressas principalmente pela redução do seu ritmo de crescimento e por mudanças significativas na distribuição etária, resultando no célere aumento do segmento idoso nas próximas décadas (CAMARANO; MELLO; KANSO, 2009). Enquanto o total da população brasileira teve um crescimento relativo de 21,6% no período de 1997 a 2007, o acréscimo ocorrido no grupo das pessoas com mais de 60 anos, foi de 47,8% e do segmento com 80 anos ou mais de idade, foi de 86,1% (IBGE, 2008). Hoje, no Brasil, segundo dados do IBGE no período de 2012 a 2017 houve um crescimento de 4,8 milhões de idosos, ou seja 18% de crescimento. Portanto, as estimativas se confirmam diante dos dados reais. (IBGE, 2018)

O Brasil passa por uma transição demográfica caracterizada pelo crescente número de pessoas acima de 60 anos de idade, compondo o segmento que mais cresce (TEIXEIRA et al., 2015). Perante esse fato é inquestionável a importância de assegurar a essas pessoas não apenas longevidade, mas, também, qualidade de vida, bem como sua satisfação pessoal. O processo de envelhecimento humano nem sempre se caracteriza por ser um período saudável e de independência.

Por intermédio da fotografia, exercitam-se os estímulos visuais e emocionais no presente e, inclusive, dialoga-se com as recordações passadas. A fotografia encanta porque, além de um tema, ela é um bilhete de viagem que desperta o interesse, de modo que podem ser explorados todos os aspectos do passado e do presente, não sendo necessário o deslocamento físico do lugar onde se esteja.

O testemunho que a imagem fotográfica proporciona é único. Na fotografia, a imagem vista é uma cópia do original. Na concepção de Kossoy (2007), o assunto não é o real, e, sim, uma representação emanada do real. A fotografia é jovem se comparada às outras formas de arte, todavia, foi a partir desse invento que o homem visualizou a sua imagem real representada em papel. O homem, ao ver-se a si mesmo nos retratos de álbuns de família, emociona-se, percebe que o tempo passou, pelas suas imagens contata a ação impiedosa do tempo e as marcas deixadas por ele.

3 PRODUÇÃO CIENTÍFICA I

3.1 Docentes universitários e depoimentos: a memória cristalizada em imagens

RESUMO

Estudos sobre o processo de envelhecer tem evidenciado a importância da memória e das lembranças como elemento de construção e manutenção da identidade individual e coletiva dos indivíduos. A memória coletiva permite que surjam representações do passado assentadas na percepção de outras pessoas. O objetivo deste estudo foi analisar as memórias e narrativas de professores aposentados da Universidade de Passo Fundo (UPF), RS. A pesquisa é de abordagem qualitativa, do tipo exploratório e descritivo, realizado com oito professores aposentados, com faixa etária entre 70 e 83 anos, que foram docentes da instituição por 20 anos ou mais. Utilizaram-se técnicas de história oral a partir de entrevistas guiadas por um conjunto de perguntas norteadoras. Também foram utilizadas 23 ampliações fotográficas que retratam os diferentes momentos da história da instituição como estratégia para estimular a memória e as narrativas dos participantes. A coleta de dados foi realizada entre os meses de novembro de 2017 a fevereiro de 2018. Os docentes aposentados que participaram desse estudo têm uma versão a partir das lembranças individuais do passado, uma vivência clara do presente e uma perspectiva única do seu futuro.

Palavras-chave: Memória coletiva. Envelhecimento. Fotografia. Docentes aposentados.

ABSTRACT

Studies about the process of aging have evidenced the importance of memory and memories as an element of construction and maintenance of individual and collective identity of individuals. Collective memory allows representations of the past to emerge from the perception of other people. The aim of this study was to analyze the memories and narratives of retired professors of the University of Passo Fundo (UPF), RS. The research is qualitative, exploratory and descriptive, carried out with eight retired professors, with ages between 70 and 83 years old, who have been teaching in the institution for about 20 years or more. Oral history techniques were used based on interviews guided by a set of guiding questions. It was also used 23 photographic extensions that portray the different moments of the institution's history as a strategy to stimulate the memory and the narratives of the participants. The data collection was made between November 2017 and February 2018. Retired professors who participated in this study have a version based on the individual memories of the past, a clear experience of the present and a unique perspective of their future.

Keywords: Collective memory. Aging. Photography. Retired professors.

3.2 Introdução

A partir dos anos de 1960 observa-se um aumento significativo da população idosa no Brasil e, de forma similar, em alguns países do mundo. As sociedades contemporâneas estão envelhecendo rapidamente. Segundo o IBGE de 2012 há 2017 no Brasil houve um crescimento de 4,8 milhões de idosos, pessoas com 60 anos ou mais, esse valor corresponde a um aumento de 18% em cinco anos (IBGE, 2018).

O tema envelhecimento se tornou objeto de estudo em diferentes áreas do conhecimento, assim, o envelhecer do homem é complexo, evidenciam-se nessa nova etapa uma diminuição de capacidades físicas e intelectuais no indivíduo. O processo de envelhecimento é difícil de ser definido, pois ocorre de forma e múltipla e diversificada. (GOLDFARB, 1998)

O adulto adentra na velhice sem perceber, a velhice vai se insinuando lentamente, ele, é confrontado diariamente com a sua imagem frente aos espelhos. Porém, a atualização de sua própria imagem falseia o próprio envelhecer. Diante disso, o envelhecimento é vivido mais facilmente nos outros do que em nós mesmos. Segundo Beauvoir (1990, p. 35) a velhice se apresenta de maneira muito íntima e subjetiva. Cada ser humano envelhece de uma forma singular, com sua bagagem cultural, com as suas vivências e a partir de uma visão particular do mundo. Entretanto, os idosos compartilham das mesmas dificuldades, partilham os mesmos “lutos”, sejam eles os filhos que cresceram, os amigos e companheiros não mais presentes ou a própria fase de aposentadoria.

Importante ressaltar que a velhice não é construída somente por perdas, o homem, é detentor de experiências únicas em sua trajetória. “Um mundo social de uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar pela memória dos velhos” (BOSI, 2009, p. 82). Assim, os indivíduos que participaram deste trabalho, resgataram parte da sua história. Processo esse promovido pela apreciação de fotografias que “dialogam” diretamente com o passado dos entrevistados que, aos poucos e por meio de sua fala, certificam a sua história.

Quaisquer que sejam os conteúdos, as imagens fotográficas, devem ser consideradas como fontes históricas de abrangência multidisciplinar. É importante ressaltar que as imagens fotográficas não se esgotam em si mesmas, elas, são o ponto de partida para a elucidação do passado. As imagens nos mostram um fragmento selecionado da aparência das coisas e das pessoas congelados em um determinado momento de sua existência. Sob o mesmo ponto de vista de outros documentos, a fotografia, não pode ser aceita como espelho fiel dos fatos, imagem de incontável veracidade, pois, tanto imagem como documentos escritos estão sujeitos à interpretação dos fatos. O potencial informativo das fotografias poderá ser alcançado na medida em que esses fragmentos forem contextualizados na história e seus múltiplos desdobramentos.

A fotografia tem uma realidade própria que não corresponde necessariamente à realidade que envolveu o assunto, objeto de registro, no contexto da vida passada. Essa realidade trata da realidade do documento, da representação. O indivíduo, ao observar uma fotografia está diante do registro, porém, após sua interpretação a fotografia transmuta para uma segunda realidade, essa realidade está impregnada com suas próprias emoções, o seu conhecimento e a identificação dos fatos de forma íntima, ou seja, a sua versão dos fatos que estão presentes naquela imagem. O contato visual da imagem capturada nos possibilita um “espiar” para outra dimensão, outro tempo, uma rerepresentação do passado. Da mesma forma, a reconstituição histórica dos fatos ou das recordações pessoais obtidas através de memórias por meio de fotografias ou álbuns proporciona ao indivíduo um fascinante exercício intelectual que aproxime a realidade e a ficção. Veremos que a reconstituição sempre implicará num processo de recriação de realidades, posto que seja construída por meio das imagens mentais dos próprios receptores envolvidos. (KOSSOY, 2009)

É importante ressaltar que as imagens apresentadas para os recordadores são documentos verídicos, não possuem retoques, a sua função é de rerepresentação das cenas passadas. A imagem fotográfica sempre pode ser manipulada, tanto na captura quanto na edição. A exemplo desse fato podemos citar a exposição organizada em Paris na década de oitenta pelo jornalista Alain Jaubert intitulada *As Fotos que Falsificaram a História*, onde foram expostas quase uma centena de fotos “históricas” reconhecidamente

adulteradas através de retoque ou colagem, como a célebre imagem de Lênin na tribuna (em 1920) de onde Trótski foi eliminado, o famoso enterro de Mão Tsé-Tung (1976) de onde foram apagadas as figuras da Camarilha dos Quatro, e o retrato de Fidel Castro tomado no Chile em 1971, de que o líder cubano mandou suprimir a figura do General Pinochet que posava a seu lado (MACHADO, 1998, p. 319). Entretanto, neste trabalho, a imagem fotográfica tem como função ilustrar o passado com a sua veracidade, haja vista, nada foi alterado nas imagens apresentadas aos recordadores. Todas as fotografias tiveram um viés jornalístico naquela época. Hoje, certificam os acontecimentos daquele período histórico riquíssimo na estruturação e criação da UPF.

O testemunho fotográfico, a imagem tem sua essência no apelo visual, por isso, as fotografias pouco informam ou emocionam àqueles que nada sabem de sua história. Aqui, neste contexto histórico em particular, as fotos religam o presente e o passado na vida dos docentes participantes da pesquisa, pois, a captura das imagens ocorreu nos locais e no mesmo período de tempo em que os indivíduos se encontravam laborando.

A fotografia, segundo Canabarro (2005) é um produto social. Sendo as imagens constituem “uma certa maneira discursiva de colocar em cena questões e fragmentos da história, percebidos no encaixe de uns documentos com os outros na tentativa de se entender sua forma evolutiva e ao mesmo tempo descontínua” (CANABARRO, 2005, p. 25).

Deste modo, para os entrevistados, a imagem fotográfica informa sobre um mundo vivido e, ao observá-las o contemplador acaba relacionando a imagem consigo mesmo, procurando discernir em si mesmo o que talvez não percebesse sem a contemplação daquela imagem (LEITE, 1998). O uso de fotografias, ao longo das entrevistas, foi “fomentando” a fala dos professores. O objetivo do presente estudo foi descrever as narrativas de docentes universitários aposentados a partir de registros fotográficos como referência para a construção de uma memória coletiva acerca de diferentes momentos do mundo do trabalho.

3.3 Material e métodos

Este estudo foi de abordagem qualitativa, do tipo exploratório e descritivo, foi realizado com professores universitários aposentados utilizando-se a fotografia como estratégia para estimular as narrativas de docentes universitários aposentados a partir de registros fotográficos como referência para a construção de uma memória coletiva acerca de diferentes momentos do mundo do trabalho. A fotografia foi utilizada como instrumento auxiliar a pesquisa de campo, mesmo em sua perspectiva ilustrativa desempenha seu papel como uma narrativa, na medida em que nela estão impressos diferentes olhares. Além disso, a fotografia dialoga com quem a vê e pode trazer à tona outras narrativas, já que as percepções são forjadas nas experiências individuais (FREIXO, 2011).

Fizeram parte deste estudo oito professores universitários aposentados que aceitaram participar, mediante assinatura o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A população foi constituída por meio da técnica metodológica de inclusão gradual, denominada de amostragem teórica gradual, ou seja, novos sujeitos poderiam ser incluídos na amostra, tendo sido finalizada quando ocorreu saturação teórica do tema a ser investigado (FONTANELLA et al., 2011). Seguindo esta referência, foram selecionados oito docentes da Universidade de Passo Fundo, a partir de lista de professores que, quando do início da pesquisa tinham 70 anos ou mais e trabalharam na instituição no mínimo por vinte anos. Dessa forma, a seleção não obedeceu a aspectos quantitativos ou de amostragem, uma vez que a intenção foi explorar o espectro de opiniões e as diferentes memórias sobre o tema da pesquisa (BAUER; GASKELL, 2008, p. 68).

As entrevistas foram realizadas em local, data e hora de preferência dos participantes. A duração média das entrevistas foi de cinquenta minutos. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra, obedecendo assim às técnicas na prática da história oral para análise posterior dos relatos transcritos.

Os critérios de inclusão foram os seguintes: professores com 70 anos ou mais, com no mínimo vinte anos de docência e que eram do corpo docente dos primeiros cursos instalados pela Sociedade Pró-Universidade (SPU) e pelo Consórcio Universitário Católico (CUC), entidades que deram origem a Univeridade de Passo Fundo (UPF). Contemplaram-se docentes aposentados dos seguintes cursos: Agronomia, Direito, Filosofia e Letras. Não foram selecionados professores aposentados que apresentam limitações cognitivas e que não foram encontrados após três tentativas por contato telefônico. A coleta de dados ocorreu a partir dos passos descritos a seguir:

Primeira etapa: seleção de fotos que expressassem à temática “Surpresas do Passado”. Os registros fotográficos pertencem ao acervo fotográfico da família Czamanski. Foi selecionado nessa fase do trabalho 23 imagens para apreciação dos entrevistados.

Segunda etapa: as imagens selecionadas contemplam as décadas de sessenta, setenta e oitenta do século XX. A partir de seus negativos, as fotografias foram reproduzidas em (formato digital), sua impressão foi realizada em papel fotográfico no tamanho de 25 cm x 40 cm, seguindo proporção semelhante à da captura da época, nenhuma imagem passou por retoques ou alterações a fim de garantir sua originalidade. Para cada imagem foi criada uma pequena legenda que, por sua vez, informou os seguintes dados referentes à obra: autor, evento ou local retratado e ano da captura.

Terceira etapa: foram realizados encontros individuais com os oito participantes da pesquisa, em seus domicílios, agendados previamente por contato telefônico. Durante as entrevistas as perguntas do tópico guia serviram de auxílio para orientação da fala. As perguntas foram: Que lembranças essas fotos lhe remetem? Neste momento você participa de alguma forma na instituição? Pode falar da sua vida pessoal e profissional?

Para evocar as memórias foram apresentadas as vinte e três ampliações fotográficas, que puderam ser manuseadas pelo participante no decorrer da entrevista. As falas foram gravadas e, transcritas na íntegra. Para garantir anonimato os participantes da

pesquisa seus nomes foram denominados pela letra P (de professores) seguida de um numeral arábico orientado pela ordem das entrevistas.

As informações obtidas por meio das narrativas dos participantes foram analisadas pelo esquema interpretativo proposto por Bardin (2015). As etapas da técnica de Bardin (2015) são: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação, as quais são explicadas a seguir. A exploração do material: que consiste na exploração do material com a definição de categorias (sistemas de codificação) e a identificação das unidades de registro (unidade de significação), visando à categorização.

Os resultados da pesquisa serão apresentados a seguir em três tópicos: 1) Caracterização dos participantes da pesquisa; 2) Memórias, imagens e vozes do passado; 3) Tempos que passam.

3.4 Caracterizações dos participantes da pesquisa

Inicialmente salienta-se que para os entrevistados o passado visto nas imagens fotográficas é familiar, pois, na época de captura das imagens os entrevistados estavam trabalhando ou estudando na instituição, fator este decisivo para realização do trabalho dos oito entrevistados. Inclusive, não de forma intencional, três deles estão presentes em alguma das fotografias selecionadas. Além disso, o período registrado nas fotografias se estende da criação da instituição até duas décadas de consolidação e expansão da mesma. Os participantes da pesquisa informaram alguns de seus dados biográficos e de trajetória profissional. Seguem algumas informações, por ordem de realização das entrevistas:

(P.1.) É mulher, nasceu no Rio Grande do Sul na década de 1940; formou-se em Letras na Universidade de Passo Fundo. Passou por jubramento, em sua entrevista relata com detalhes os personagens, as ruas da cidade, reconhece tudo e todos. Inclusive como nasceu a UPF. Atualmente, dedica parte do seu tempo a família.

(P.2) É homem, nasceu na década de 1930; formou-se em Economia na Universidade de Passo Fundo. Foi docente na mesma instituição que se formou por por mais de quarenta anos. Não foi jubilado. Hoje dedica a maior parte do seu tempo à família.

(P.3.) É homem, nasceu no Rio Grande do Sul. Formou-se no Curso de Odontologia na Universidade de Passo Fundo. Tem filhos e goza de boa condição física. Relatou que realiza caminhadas diariamente e que se cuida, tendo uma vida regrada. Não passou pelo jubramento. Hoje, mantém sua atividade de dentista.

(P.4.) É homem, nasceu no Rio Grande do Sul na década de 1930. Formou-se em Medicina pela Ufrgs. Orgulha-se ao falar que participou ativamente da criação do curso de Medicina da UPF. É médico, acompanhou a expansão do Hospital São Vicente de Paulo e também do crescimento da Universidade de Passo Fundo. Foi professor titular na Universidade de Passo Fundo de 1974 a 2007 tendo sido jubilado.

(P.5.) É homem, nasceu no Rio Grande do Sul, conheceu Passo Fundo em 1963 quando fez vestibular, colou grau em Direito na UPF na década de 1960. Lecionou na UPF por vinte três anos, passou por diversos cargos em sua carreira profissional. Após ser dispensado, fato que lhe remete certo desgosto. Atualmente dedica-se a família, filhos e netos. Goza de excelente saúde e salientou que lamenta a situação brasileira atual e o descaso com o ensino.

(P.6.) É homem, nasceu no Rio Grande do Sul na década de 1940. Trabalhou na instituição de 1971 até 2009, não tendo sido jubilado. Formou-se em Agronomia na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), porém, havia começado os seus estudos na UPF e, posteriormente, foi transferido para Santa Maria em razão de dificuldades que o curso enfrentava na época. É casado. Hoje, utiliza seus conhecimentos na produção de frutas, gosta de natureza, não têm horários a cumprir.

(P.7.) É mulher, nasceu na década de 1940 no Rio Grande do Sul. Formou-se em Filosofia na Universidade de Passo Fundo, tendo sido um dos docentes que participou da formação de professores na área da Educação. Destacou que desfilou na comemoração da criação da UPF no ano de 1968. Aposentou-se antes do jubileamento e trabalhou na UPF por 43 anos. Tem filhos e relembra com carinho e saudade os anos vividos na vida acadêmica. Hoje, fala de saudade, e sempre que possível visita a UPF.

(P.8.) É homem, nasceu na década de 1940 no Rio Grande do Sul. Trabalhou na Universidade de Passo Fundo por 49 anos e foi jubilado. Formou-se em Direito e Economia na Universidade de Passo Fundo. Atualmente advoga em seu escritório e leciona em uma universidade federal.

Os entrevistados, protagonistas do presente estudo, revelaram em suas narrativas a importância das experiências individuais no mundo do trabalho. Além disso, reforçaram que as lembranças e memórias individuais, estimuladas por registros fotográficos, podem se constituir em memória coletiva. O olhar, que se materializou por meio de fotografias, revelou sentimentos, emoções e visões de um passado de orgulho e de saudade. Na sequência deste estudo serão analisados esses dois momentos: orgulho de ter contribuído na construção da instituição e saudade ou frustração pela aposentadoria/jubilamento.

Os registros fotográficos iniciais remontam ao final da década de 1960. As fotografias, que contam com as imagens das festividades e de ingresso de acadêmicos na UPF, estimulam os participantes da pesquisa a rememorar. Dentre elas estão os desfiles dos Bixos (festividade que ocorria na área central da cidade) e o momento oficial da criação da Fundação Universidade de Passo Fundo (FUPF). Os entrevistados observaram atentamente as duas imagens. Sem demora, e com olhos atentos, a fala dos professores aos poucos foi surgindo, contextualizando os momentos presenciados no passado. O entrevistado P.6. Relatou que:

Esse, o desfile dos bixos é em 1965, um ano antes de eu entrar [...] é interessante à crítica do pessoal da Economia. O primo pobre (o dizer no cartaz de uma das fotos) certamente o primo rico era quem? O Direito e a Odonto, eram os que estavam mais bem [...] bem estruturados. O Desfile dos bixos era famoso, parava a cidade inteira para assistir o desfile [...] Eu participei também, e em 1965 eu devo ter visto, mas em 1966 teve desfile dos bixos e eu era bixo. Mas sábado à tarde a avenida (Brasil) parava, não tinha carro nenhum, não circulava carro [...]. Tinha umas coisas assim, e era [...] parava a cidade. Eu lembro que o meu personagem era um sujeito que vendia [...] Era umas carretinhas, carretinhas era uma coisinha assim, você empurrava um cabo e ela girava tipo uma helicezinha [...]. As crianças ficavam encantadas (risos).

A fotografia traz também em sua imagem um pouco do seu criador: o fotógrafo. Este, ao retratar a realidade, imprime, com seu olhar, e com sua bagagem cultural inerente, um determinado ângulo, um determinado corte, que reflete a época em que a imagem foi retratada. Há destaque para o cartaz. A fotografia é vista como a forma mais perfeita da recriação da realidade. O seu criador, o fotógrafo, constrói a imagem com o seu olhar e a sua bagagem cultural ao selecionar um ângulo ou realizar um determinado recorte na cena. Dessa forma, as imagens também traduzem uma forma de se perceber o mundo e a “fotografia pode servir como uma alternativa a mais de leitura da realidade” (CANABARRO, 2005, p. 26).

Mesmo que se considere o fotógrafo como mediador, pois ele se encontra entre o sujeito observador e o retratado, é ele quem define qual cenário será escolhido. Assim, a fotografia é, para Canabarro (2005), um produto cultural. Sua construção é inerente a “um determinado contexto histórico, que influencia na construção do olhar do fotógrafo, nas representações sociais impressas, e, no equipamento tecnológico empregado para a tomada da imagem” (CANABARRO, 2005, p. 26).

O entrevistado (P6) não se viu na imagem, porém, diante de um evento reconhecido pela sua memória, relembrou o seu tempo de estudante e, de certa forma, viu-se representado. Toda fotografia tem atrás de si uma história (KOSSOY, 2009). A fotografia é uma amostra, um objeto-imagem, que contém um fragmento determinado da realidade impresso por meio do processo fotográfico.

Nessa mesma perspectiva, estabelecendo relação entre imagem e história vivida, tem-se a narrativa:

Desfile dos bixos claro, está aqui. Quando naquela época os bixos, os formandos, os que entravam na faculdade faziam um desfile que era atração na cidade. Todo mundo fantasiado, né? Eu por exemplo, desfilei na noite das garrafadas: foi uma briga que teve aqui na câmara de vereadores em que [...] brigaram os vereadores. [...] E trocaram garrafadas [...]. Eu desfilei cheio de mercúrio para parecer sangue no rosto (P. 8).

O recordador (P8) observou a fotografia e, mesmo ausente naquela cena, relacionou a imagem consigo mesmo. Relatou que desfilou: “cheio de mercúrio para parecer sangue no rosto e tudo...”. O olhar atento nesta fotografia revelou que o entrevistado buscava rememorar e identificar-se como participante do evento. Ao examinar a foto, pareceu realizar uma busca, quis ver-se na imagem. Nas palavras de Leite (1998), tal participante “busca sua identidade”, pois “a fotografia e o processo fotográfico desde a sua invenção promovem a socialização dos seus membros na sociedade” (LEITE, 1998, p. 39).

Sobre os mesmos registros fotográficos, (P.3) relatou suas lembranças, revelou detalhes e narrou o seguinte: Isso aqui é o Desfile dos Bixos de 1968. [...] porque, na época, ainda existia uma forma de integração de todos os [...]. Aquilo que a gente chamava de bixos, né, que era os alunos que iniciavam, passavam no vestibular, e que foi abandonada lamentavelmente essa prática, justamente na época do governo militar. Houve algumas críticas, algumas críticas mais agudas, azedas, como era próprio da época, né, e como existe até hoje. E aí foi se abandonando essa prática [...]. As pessoas se alinhavam em torno da Avenida Brasil, nos canteiros, para assistir ao Desfile dos Bixos.

A fotografia, nesse caso, deixou de ser apenas um registro: revelou ou rememorou um passado não atingível fisicamente. Estas imagens são, segundo Sontag (SONTAG, 2004, p. 84) “lascas fortuitas do mundo”. Todas as imagens fotográficas se referem ao passado, entretanto, as apresentadas aos recordadores têm um impacto maior, pois, o retroceder no tempo é longo e distante, enquanto o agora é tempo de refletir.

As imagens fotográficas de outras épocas, assim que identificadas e analisadas, possibilitam a reconstituição histórica dos cenários e das memórias da vida, sejam elas memórias coletivas ou individuais. O processo de reconstituição de um determinado passado por meio de fotografias promove uma sucessão de reconstruções imaginárias. Dessa forma, o espectador pode refletir em qual contexto histórico ocorreu aquela foto, quem eram aqueles personagens, qual era o momento da vida daquelas pessoas na fotografia (KOSSOY, 2000).

Na visualização e análise das fotografias, diante da mesma imagem fotográfica, P.7 sensibilizou-se pela recordação que a imagem provocou e narrou que:

Esta foto me remete a um tempo histórico, é o desfile que Passo Fundo fez por ocasião do reconhecimento da Universidade de Passo Fundo que foi criada no dia 6/6/1968... Era frio [...] nós fizemos um blusão vermelho com a letra branca chamada Filosofia e cada uma de nós, um grupo, pegou uma letra.

Ao mostrar a foto da cena passada, talvez, podemos devolver aos personagens sua *anima*, ainda que seja por um instante e, dessa forma, promover a aparição de sentimentos e das emoções, pois o imaterial é o que dá sentido a vida. Imagem, imaginação e conhecimento trabalhando na reconstituição daquilo que se passou, do passado, e da memória. A recordadora, que é testemunha dos fatos, aos poucos vai refazendo a sua história, contempla a imagem e, com ela, revive o seu passado e o passado coletivo. Quando menciona que: “Nós fizemos um blusão vermelho com a letra branca...”, referem-se aos demais colegas que, assim como ela, vivenciaram aquele momento histórico.

Chama atenção que a fotografia, ao evocar as lembranças de cada um dos participantes, permitiu que a memória coletiva fosse mobilizada e revelada por meio de diferentes olhares sobre os mesmos eventos do passado. Assim, a memória narrada torna-se um repositório vivo da história desses profissionais e da própria instituição, todos como sujeitos históricos que verbalizaram, nas suas narrativas, como viram ou perceberam tais eventos sociais. Sobre as mesmas fotos, eles disseram que:

Esta foto me remete a um tempo histórico (P.7). Existia uma forma de integração de todos (P.3). As pessoas se alinhavam em torno da Avenida Brasil (P.3). Faziam um desfile que era atração na cidade (P.8) O Desfile dos bixos era famoso, parava a cidade inteira para assistir o desfile, eu participei também [...] (P.6)

A fala foi tecida pela visualização de duas fotografias que tratam do tema desfiles da UPF. Todos relembram os mesmos temas ao observar as imagens do desfile. A reconstrução do passado, dos acontecimentos, é formada por dados e noções comuns. As memórias desses indivíduos complementam-se mutuamente. Sabe-se que as representações do passado, que nos chegam por meio das lembranças de narradores, apresentam-se carregadas de subjetividades, de sentidos e de significações. Memória, história e contemporaneidade indicam o tempo como força de corrosão, o espaço como lócus da experiência da rememoração e o movimento como a estrutura simbólica da cultura (DIEHL, 2002, p. 114).

Assim, os registros fotográficos são constituidores da memória e da identidade, pois “os espaços da experiência produzem, sob a ação do tempo, as possibilidades de sistematizar os fragmentos do passado (as lembranças) em memória. Esse processo somente é possível na medida em que existe consciência da experiência presente” (DIEHL, 2002, p. 114). As falas apresentam pontos de contato, as lembranças vão sendo construídas sobre uma base comum. (HALBWACHS, 2006).

O avançar da idade é percebido pelos homens de forma peculiar e subjetiva. O tempo se apresenta de forma única para os indivíduos, porém, a percepção individual do homem a respeito do tempo vivido é moldada de acordo com a sua história e influenciada pelas suas lembranças. O ato de lembrar, referido aqui, remete à capacidade de trazer à tona o que estava submerso, escondido. Por isso, Bergson relata que nossas lembranças impactam nossas percepções no presente e que nossas impressões ou percepções são moldadas por meio de troca entre passado e presente.

Os professores aqui entrevistados expõem os seus pontos de vista sobre a velocidade da vida, o envelhecer e a fase de aposentadoria. O ser humano percorre, em sua existência, fases relativamente bem definidas. Entretanto, a fase mais longa é a fase

adulta e é nesse período específico que as pessoas se certificam sobre sua história. É na fase adulta que o homem constitui família, trabalha e participa ativamente da sociedade.

Com o passar dos anos, o homem caminha em direção à velhice. Durante essas transições certas constatações tornam-se concretas. P.7 relata que

[...] quando eu comecei lá só tinha a Agronomia aqui (no Campus I da UPF). Quando eu comecei a trabalhar em 1971 aqui só tinha a Agronomia, tudo era lavoura [...]. Então eu estava te contando quando eu comecei a trabalhar em 1971, a entrada era por aqui, era aqui, não desculpa, entrava costeando o lago e vinha direto na Agronomia. Ela vinha lá de cima [...] E aqui era tudo lavoura para cima. Não tinha esse acesso aí [...] o tempo passou muito rápido, [...] isso sim, quando vi já tinha terminado. E assim, eu acho que foi uma coisa interessante por que a Agronomia praticamente nasceu com, vamos dizer, a minha vida profissional nasceu junto com a Agronomia [...] E o que eu estava te dizendo, a Agronomia começou a crescer, tinha mais gente se dedicando, fora as aulas também [...] Coordenei alguns projetos lá, então eu acho que valeu a pena [...] É claro que eu fui duas vezes diretor lá, mas hoje eu não teria condições nenhuma de ser diretor.

O entrevistado percebe a fluência da vida. Ao se deparar com uma foto aérea de 1975 relembra os seus primeiros anos na UPF. Segundo a percepção do entrevistado, seu trabalho, sua vida profissional, nasce e confunde-se com a história da Faculdade de Agronomia. Ele enfatizou ainda que cada momento de seu trabalho valeu a pena. Contudo, ao final de sua fala, disse que não “teria mais condições de atuar no seu antigo cargo como diretor”. Evidencia-se que o docente tem consciência da passagem do tempo e que a contemporaneidade não reserva espaço para ele. Conforme Halbwachs (2009), o tempo parece passar rápido, pois a vida em sociedade promove entre os homens acordos sobre os tempos e as durações.

A fotografia apresenta-se como um passado preservado e seu acesso é fisicamente inviável. O recordador, mentalmente, observa nas imagens uma ilusão de presença de um tempo que jamais retornará. O momento do desligamento da vida profissional, o jubramento, apresenta-se, quase sempre, como algo traumático. Chegar aos setenta anos e ser desligado de forma compulsória, ser obrigado à aposentadoria, impactaram alguns docentes. P8 relatou tal situação:

Eu nem fui nessa coisa, por que para mim jubilar [...]. Eu nem queria, por que agora que eu estou me sentindo apto para dar aula mesmo. Hoje em dia que eu estou cada vez [...] A gente aprende mais né, eu sempre disse para os alunos que é ensinando que a gente aprende, acho que é um erro da faculdade, um erro muito grave você chegar a ponto de dispensar obrigatoriamente um professor sob tudo que eu fui dispensado. Agora eu estou no meu melhor momento para transmitir esse cabedal de conhecimentos para os alunos. Aí então a universidade, por que havia lá na ideia, no passado, quando tu chegavas aos setenta anos tu estava, vamos dizer, tu não deverias mais dar aula [...]. Ao contrário, a sabedoria da idade e do amadurecimento é fundamental.

As reflexões narradas pelos entrevistados, em relação ao desligamento da instituição, revelam a problemática sobre o passar do tempo, sobre a idade e sobre a experiência como sabedoria. O indivíduo, ao narrar e observar as imagens fotográficas constata a fluidez do tempo que passou. Autêntica e confere valor à sua própria existência, pois está presente em uma das imagens: sua colação de grau em 1964. O entrevistado P8, de alguma forma, busca frear o tempo, pois não queria jubilar. Hoje, aos 73 anos de idade, sente-se apto para dar uma aula ainda melhor. Gostaria de compartilhar suas experiências, afinal, foram quarenta e nove anos de UPF. Atualmente leciona em uma universidade federal e advoga em diversos locais do país.

A imagem fotográfica é composta por múltiplas faces. A primeira é a mais evidente, composta pela imagem em si, aquilo que é visível. As demais faces estão ocultas e nelas estão contidas as histórias, os personagens, a trama. Ao mergulhar nas fotografias, imaginamos quais circunstâncias envolviam o assunto naquele momento, em que contexto a imagem foi produzida. Observamos que a reconstrução de fatos sempre implicará um processo de recriação de realidades elaboradas pelos próprios receptores envolvidos (KOSSOY, 1998).

[...] então, quando terminei o segundo mandato, eu achei que, que, voltar para sala de aula [...] eu ainda continuava minhas atividades como cirurgião dentista em alguns pequenos horários. Mas como professor, nos últimos anos como reitor, eu não tinha mais vínculo nenhum como professor. Eu achava que não era justo eu voltar para a sala de aula. Eu ia tirar o lugar de algumas pessoas que eu mesmo tinha preparado [...] Então, eu acho que estava na hora de eu sair. As pessoas têm que saber o momento de sair. (P3)

Todas as fotos exibidas são das décadas de 1960, 1970 e 1980. Esse período compreende a fase adulta e de trabalho dos entrevistados. Assim, esses professores, jubilados ou não, formam um seleto grupo em que cada um deles possui mais de vinte anos de docência. Ainda em êxtase provocado pelas imagens, eles foram convidados a falar sobre a fase atual e sobre o afastamento do exercício do ensino. As respostas são divergentes: alguns gostariam de continuar trabalhando, enquanto outros acham que foi bom parar. Entretanto, todos são unânimes ao afirmar que sentem saudade dos bons tempos, de suas conquistas e até das dificuldades. Segundo o entrevistado (P.7):

A gente se desligou numa questão [...] vamos dizer assim [...] de leis, né? A aposentadoria chega, mas o afeto que a gente tem pela instituição é muito grande. Eu participo sempre, [...] na medida do possível eu estou lá (na UPF), ou assistindo palestras ou participando de cursos, agora recentemente participei de uma homenagem que foi feita para os ex-diretores da Faculdade de Educação, onde eu fiz a homenagem para o Pe. Alcides a pedido da Faculdade de Educação.

A fotografia participa ativamente da vida das pessoas, contudo, as imagens atestam os acontecimentos e, por meio delas, recriamos mentalmente os eventos registrados no passado (CAETANO, 2007). Por esse motivo, fotografamos rituais de importantes acontecimentos, como, por exemplo, os casamentos, os aniversários, as conquistas dos filhos e, nesse caso, os eventos sociais da Universidade de Passo Fundo.

As fotografias, em geral, sobrevivem após o desaparecimento físico do referente que a originou: são elos documentais e afetivos que perpetuam na memória. A cena gravada na imagem não se repetirá jamais. O momento vivido, congelado pelo registro fotográfico é irreversível. Os personagens retratados envelhecem e morrem, os cenários se modificam se transfiguram e também desaparecem. O mesmo ocorre com os autores-fotógrafos e seus equipamentos. De todo o processo somente a fotografia sobrevive (KOSSOY, 1998, p. 45).

Fotografar é, por evidência, congelar um aspecto particular da realidade que se encontra diluído num vasto campo da visão (GURAN, 1986). No ato, o fotógrafo e a sua “caixa mágica” aprisionam o tempo para que ele possa ser revisitado futuramente. Como explica Pierre Fatumbi (VERGER, 1991, p. 168):

No dia-a-dia da vida (...) o que você viu é substituído três segundos depois por uma outra impressão que se sobrepõe à primeira; a fotografia – precisa ela - tem a vantagem de parar as coisas... e desta maneira permitir que se veja o que só tinha sido entrevisto e imediatamente esquecido, porque uma nova impressão veio apagar a precedente, e assim por diante, e o visto vira uma coisa esquecida...

Diante das fotos em preto e branco, os recordadores retomam o tempo vivido. Alguns relembram de histórias particulares, outros conseguem identificar, nas fotografias, os personagens e as transformações físicas dos espaços. Os testemunhos vividos vão sendo narrados com o olhar atento nas fotografias antigas. Por meio da fala, os docentes orgulham-se do seu passado e, involuntariamente, iniciam uma autorreflexão. Posteriormente, relatam sua importância profissional, suas conquistas e demonstram certa nostalgia. Entretanto, esse sentimento de pertença e de valorização é percebido com maior intensidade na fala que contempla o passado.

Algumas fotografias que fazem parte desse trabalho possuem alguns personagens já falecidos. Os entrevistados reconheceram e conviveram com algumas dessas pessoas. Do ponto de vista do receptor, há um confronto entre o documento presente, originado no passado, e o próprio passado inatingível fisicamente, apenas mentalmente (KOSSOY, 1998).

O homem envelhece e, via de regra, quanto mais velho mais sábio. As fotografias envelhecem também. Entretanto, quando preservadas, as fotos resistem aos tempos. Às vezes, uma foto esquecida pode ganhar “vida” num simples folhear de álbum. Os personagens e, também, os locais são novamente revistos e lembrados. A fotografia, o personagem fotografado e o local são representados pela autenticidade fotográfica. Dessa forma, a história do fotografado ressuscita no pensamento e nos olhos do contemplador por meio de fotografias, aparições, imagem-imaginação.

3.5 Conclusão

O trabalho foi analisou as narrativas dos professores aposentados da Universidade de Passo Fundo. Para essa finalidade, foram criadas duas categorias de análise: a primeira intitulada Memórias, Imagens e Vozes do Passado, e a segunda, de Tempos que Passam.

Nas narrativas dos professores aposentados, observamos elementos em comum, pois, este seletivo grupo passou por experiências muito semelhantes no mundo do trabalho. Porém, cada um apresenta sua individualidade, sua maneira particular de enxergar a vida. É importante ressaltar que, ao olhar para o passado em fotografias, os bons momentos predominam nas falas e a nostalgia aparece. A fotografia é um mecanismo que ressalta essas capacidades ao tornar visíveis as cenas esquecidas na memória. Os fragmentos do passado são revividos e, assim, as experiências passadas trazem reavaliações no presente. Por isso, olhar fotografias que fazem parte da nossa história proporciona uma revisão retrospectiva da nossa própria existência. Reaver o próprio passado com os olhos do presente alteram as percepções das coisas para o nível da consciência. Não existem percepções que não estejam impregnadas de lembranças. Bergson, em suas considerações, atrela, à palavra lembrança, a etimologia do verbo “lembrar-se”, em francês *souvenir*. *Sous-venir* significa vir debaixo, vir à tona. Dessa forma, o afloramento do passado atua no processo corporal do presente. Portanto, a imagem fotográfica se apresenta como um estímulo, como uma lembrança da cena passada, ou seja, a representação do vivido pelos recordadores e a reconstrução de sua história e a consciência de sua importância.

3.6 Referências da produção I

ALTMAN, Miriam. *Jornal de Psicanálise*, 44(80), 193-206. São Paulo 2011.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2015.

BAUER, Martin; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Um manual prático. 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças dos velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 15.ed 2009.

CAETANO, Ana. *Práticas fotográficas, experiências identitárias*. A fotografia privada nos processos de (re) construção das identidades, *Sociologia, problemas e práticas*, n. 55, p. 69-89. 2007.

CANABARRO, Ivo. Fotografia, história e cultura fotográfica: aproximações. *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, v. XXXI, n. 2, p. 23-39, dezembro 2005.

DIEHL, Astor. *Cultura historiográfica: memória, identidade e representação*. Bauru, SP: Edusc, 2002.

ERIKSON, Erik H. *O ciclo da vida completo*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1998.

FONTANELLA, B. J. B. et al. Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 27, n. 2, p. 389-394, 2011.

FREIXO, Alessandra Alexandre. Pelas lentes da memória: fotografia e interconhecimento no sertão da Bahia. In: TRENCH, Belkis, ETSUKO, Tereza da Costa Rosa. *Nós e o outro: envelhecimento, reflexões, práticas e pesquisa*. São Paulo: Instituto de Saúde, 2011. p. 224-241.

GURAN, M. Fotografia e pesquisa antropológica. Rio de Janeiro: Museu do Índio PP. *Caderno de Textos - Antropologia Visual*, 1986.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

IBGE. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>. Acesso em: 25 set. 2018.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*, São Paulo: Ática, 1998

_____. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. Cotia – SP: Ateliê Editorial, 2000.

_____. *Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo*. Cotia – SP Ateliê Editorial, 2007.

_____. *Fotografia & História*. 3. ed. rev. e ampl. Cotia - SP: Ateliê Editorial, 2009.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. Retratos de família: imagem paradigmática no passado e presente. In: SAMAIN, Etienne (Org.). *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec, 1998.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MACHADO, Arlindo. A fotografia sob o impacto da eletrônica. In: SAMAIN, Etienne (Org.). *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec, 1998.

SILVEIRA, Michele Marinho; PASQUALOTTI, Adriano; COLUSSI, Eliane Lucia. Educação gerontológica, envelhecimento humano e tecnologias educacionais: reflexões sobre velhice ativa. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, v. 17, n. 2, 2012.

SONTAG, Susan. *Ensaio sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VERGER, Pierre Fatumbi. Entretien avec Emmanuel Garrigues. In: *L'Ethnographie*. 109, p. 167-178. 1991.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante as entrevistas, os docentes aposentados retomaram outras épocas. O elo entre o passado e o presente foi construído pela fidelidade imagética do processo fotográfico. Assim, as fotografias antigas possibilitaram a criação de uma janela com vistas para o passado; ao abri-la, os recordadores iniciaram, espontaneamente, a interpretação de seu passado e, de igual forma, de um passado coletivo. Isso acontece porque as imagens vão despertando o interesse: ao visualizá-las, os recordadores religaram o tempo vivido com o tempo presente. Dessa forma, reconstruíram a sua história, certificaram a sua presença. Afinal, o ser humano não consegue viver somente no presente, pois, somos todos portadores de memórias e de histórias. A partir das falas destacaram-se a singularidade dos indivíduos na fase da velhice, haja vista os diferentes discursos proferidos pelos entrevistados acerca do mesmo tema: a fase atual de suas vidas. Nesse seleto grupo, encontramos tanto os idosos bem dispostos, preparados para continuar os seus exercícios profissionais e íntegros quanto os idosos mais extenuados, dispostos a fazer pequenas atividades e confiantes por terem feito um bom trabalho.

O acesso às memórias é importante, pois proporciona uma retrospectiva de vida ao entrevistado. A fotografia recuperada do passado ressurge como enigma a ser desvendado. A imagem, cópia fiel de outros tempos, está sujeita às interpretações e releituras do seu contemplador. Assim, o indivíduo, ao retomar a memória, vai recordando-se das cenas, dos instantes, dos fragmentos do passado. Afinal, fotografia e memória sempre proporcionam um olhar para trás e, também, um olhar para dentro, ou seja, um olhar para sua própria história. Por isso, fotografia e memória compartilham de passados e estabelecem-se como ferramentas contra o esquecimento. Ter acesso à história de vida das pessoas pela sua própria fala é uma experiência única, escutar os docentes aposentados nesse estágio de vida proporciona, aos mais jovens, uma reavaliação da

A fala dos recordadores sintetiza boa parte das reflexões e percepções que afloraram na pesquisa. O sentimento de impotência frente ao envelhecimento foi confirmado durante as entrevistas. O afastamento repentino do mundo do trabalho docente não é visto com alegria por todos os recordadores. Talvez um afastamento paulatino possa trazer benefícios mútuos para instituição e para os docentes. Afinal, quando afastamos homens de ensino do ensino, sem o seu consentimento, perdemos a oportunidade de crescer juntos. Portanto, devemos repensar o desligamento total das atividades de docência e, talvez, “escutar o Velho”, o sábio para que possamos aproveitar melhor essa “biblioteca viva”. Hoje não conseguimos adivinhar o futuro, entretanto, podemos acessar a experiência dos anos vividos por meio daqueles que já viveram mais do que nós.

REFERÊNCIAS

- ALTMAN, Miriam. *Jornal de Psicanálise* 44(80), p. 193-206. São Paulo, 2011.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2015.
- BAUER, Martin; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático*. 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Lisboa-Portugal: Edições 70 LDA, 2009.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças dos velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 15. ed. 2009.
- BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BORDIEU, Pierre. 1979. La definición de la fotografía. In: BORDIEU, P. (Org.). *La fotografía: um intermédio*. Mexico: Editorial Nueva Imagem, 381 p.
- BORGES, Daniele Borges Bezerra; LEBEDEFF, Tatiana Bolívar. Velhice, identidade e memória: diálogos entre saúde e cultura a favor da manutenção de identidade. *Cadernos do Tempo Presente* 13. 2014.
- CAETANO, Ana. Práticas fotográficas, experiências identitárias. A fotografia privada nos processos de (re) construção das identidades, *Sociologia, Problemas e Práticas*, n. 55. p. 69-89. 2007.
- CAMARANO, A. A.; MELLO, J. L.; KANSO, S. Juventude e envelhecimento na Conferência do Cairo: 15 anos depois no Brasil. In: BRASIL. *15 anos após a conferência do Cairo*. Campinas: ABEP/UNFPA, 2009. p. 233-290.
- CANABARRO, Ivo. Fotografia, história e cultura fotográfica: aproximações. *Estudos ibero-americanos*. PUCRS. v. XXXI, n. 2, p. 23-39, dez. 2005.
- DIEHL, Astor. *Cultura historiográfica: memória, identidade e representação*. Bauru, SP: Edusc, 2002.
- DONDIS, Donis A. *Sintaxe da linguagem visual*. São Paulo: M. Fontes, 2007.
- ERIKSON, Erik H. *O ciclo da vida completo*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1998.
- FONTANELLA, B. J. B. et al. Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 27, n. 2, p. 389-394, 2011.

- FREIXO, Alessandra Alexandre. Pelas lentes da memória: fotografia e interconhecimento no sertão da Bahia. In: TRENCH, Belkis; ETSUKO, Tereza da Costa Rosa. *Nós e o outro: envelhecimento, reflexões, práticas e pesquisa*. São Paulo: Instituto de Saúde, p. 224-241. 2011.
- GATTI, Bernardete Angelina. *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília: Líber Livro 2005.
- GOLDFARB, D. C. *Corpo, tempo e envelhecimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- GURAN, M. Fotografia e pesquisa antropológica. *Caderno de textos - antropologia visual*, Rio de Janeiro: Museu do Índio PP. 1986.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- IBGE. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>. Acesso em: 25 set. 2018.
- JUSTO, J. S. Narrar Histórias, Fotografar momentos: tecendo intersecções entre narrativa oral e álbuns de fotografias. *Travessias* 05, p. 1-14, 2009.
- JUSTO, Joana Sanches; JUSTO, José Sterza. Tempo, finitude, velhice e fotografia. *Revista Kairós*, p. 101-116, 2012.
- KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*, São Paulo: Ática, 1998.
- _____. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. Cotia – SP: Ateliê Editorial, 2000.
- _____. *Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo*. Cotia – SP: Ateliê Editorial, 2007.
- _____. *Fotografia & História*. 3. ed. rev. e ampli. Cotia – SP: Ateliê Editorial 2009.
- LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. Retratos de Família: imagem paradigmática no passado e presente. In: SAMAIN, Etienne (org.). *O Fotográfico*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- LORETO, Bruno Nunes; HOELTZ, Mirela. Ambiente acadêmico para os idosos em Santa Cruz do Sul. SALÃO DE ENSINO E DE EXTENSÃO, p. 197, 2015. *Anais...*
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 2002.
- MACHADO, Arlindo. A fotografia sob o impacto da eletrônica. In: SAMAIN, Etienne. (Org.). *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- OLIVEIRA, Angélica Valeze de et al. Impacto dos cursos de informática e fotografia na vida dos alunos do projeto de extensão Unati (Universidade Aberta a Terceira Idade). *Pesquisa em educação ambiental*, p. 1-8, 2015.

RICOEUR, P. *Tiempo y narracion*. Tomo I: configuración del tiempo en el relato histórico. Madrid - España: Ediciones Cristiandad, 1987.

SANTOS JÚNIOR, João Batista Lemos dos. *Visibilidade e visualidade da velhice na fotografia contemporânea*. Goiânia: 2016.

SILVEIRA, Michele Marinho; PASQUALOTTI, Adriano; COLUSSI, Eliane Lucia. Educação gerontológica, envelhecimento humano e tecnologias educacionais: reflexões sobre velhice ativa. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, v. 17, n. 2, 2012.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von. Imagem e memória. In: SAMAIN, Etienne. (Org.). *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec, 1998.

SONTAG, Susan. *Ensaio sobre fotografia*. Portugal, 1986.

TEIXEIRA, M. F. N. et al. Association between resilience and quality of life related to oral health in the elderly. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, v. 18, n. 1, p. 220-33, jan./mar. 2015.

VERGER, Pierre Fatumbi. Entretien avec Emmanuel Garrigues, In: *L'Ethnographie* (109), p. 167-178. 1991.

ANEXOS

Anexo A - Olimpíadas Universitárias - 1961



Fonte: Deoclides M. Czamanski.

Anexo B - Olimpíadas Universitárias - 1961



Olimpíadas Universitárias -1961 - foto: Deoclides M.Czamanski

Fonte: Deoclides M. Czamanski.

Anexo C - Colação de Grau – Belas Artes - 1962



Fonte: Deoclides M. Czamanski.

Anexo D - Desfile dos Bixos 1965



Desfile dos Bixos - 1965 - foto: Deoclides M. Czamanski

Fonte: Deoclides M. Czamanski.

Anexo E - Ônibus UPF - 1965



Fonte: Deoclides M. Czamanski.

Anexo F - Desfile dos Bixos 1968



Fonte: Deoclides M. Czamanski.

Anexo G - Agradecimentos pela criação da UPF - 1968

Fonte: Deoclides M. Czamanski.

Anexo H - Inauguração do Curso de Agronomia UPF - 1968



Fonte: Deoclides M. Czamanski.

Anexo I - Faculdade de Odontologia - 1968



Fonte: Deoclides M. Czamanski.

Anexo J - Vista aérea UPF 1975



Fonte: Deoclides M. Czamanski.

APÉNDICE

Apêndice A
Parecer consubstanciado do CEP

UNIVERSIDADE DE PASSO
FUNDO/ PRÓ-REITORIA DE
PESQUISA E PÓS-



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Surpresas do passado, percepções contemporâneas
fotografia, memória e mundo do trabalho

Pesquisador: RAFAEL CZAMANSKI

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 78568817.1.0000.5342

Instituição Proponente: Universidade de Passo Fundo/Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.380.026

Apresentação do Projeto:

É um projeto de mestrado e será um estudo de escuta das narrativas e construção de uma análise consistente de história oral. Este estudo se caracteriza como sendo de abordagem qualitativa, do tipo exploratório e descritivo, que será realizado com professores universitários aposentados utilizando-se a fotografia como estratégia para promover narrativas individuais que permitam construir uma memória coletiva acerca do mundo do trabalho. Será por meio de entrevistas, agendadas em local de preferência dos participantes, semi-estruturadas, gravadas, com 12 professores aposentados da UPF selecionados intencionalmente a partir da lista dos aposentados disponibilizada pelo setor de recursos humanos da universidade. Buscar-se-á contemplar os seguintes cursos, com dois professores de cada: Direito, Odontologia, Agronomia, Belas Artes, Filosofia e Letras. A técnica será de entrevistas gravadas e orientadas com o auxílio de um tópico guia, ou seja, um grupo de questões norteadoras que facilitarão a interpretação posterior da fala dos indivíduos nesta pesquisa classificada como qualitativa. O presente estudo deverá promover incursão teórica e multidisciplinar, visto se utilizar da fotografia para acessar a memória e as percepções sociais dos professores aposentados.

Objetivo da Pesquisa:

Descrever as narrativas de docentes universitários aposentados a partir de registros fotográficos

Endereço: BR 285- Km 292 Campus I - Centro Administrativo
Bairro: Divisão de Pesquisa / São José **CEP:** 99.052-900
UF: RS **Município:** PASSO FUNDO
Telefone: (54)3316-8157 **E-mail:** cep@upf.br

UNIVERSIDADE DE PASSO
FUNDO/ PRÓ-REITORIA DE
PESQUISA E PÓS-



Continuação do Parecer: 2.380.026

como referência para a construção de uma memória coletiva acerca de diferentes momentos do mundo do trabalho.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Algum desconforto por participar e disponibilizar um tempo específico para a pesquisa.

Benefícios:

Os benefícios da participação estão diretamente relacionados ao entendimento das percepções dos docentes universitários aposentados sobre os diferentes momentos do mundo do trabalho a partir de registros fotográficos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A abordagem da pesquisa prevê várias etapas. Primeira etapa: seleção de fotos e construção de um álbum que expresse à temática “Impressões do Passado”. Os registros fotográficos serão oriundos do acervo fotográfico da família Czamanski. A Foto Moderna, empresa da família Czamanski, registrou muitos dos acontecimentos da história de Passo Fundo, dentre eles, grande parte da história da Universidade de Passo Fundo. Sabe-se que as fotografias visualizadas separadamente ou em conjunto promovem um exercício de reconstituição mental. A construção e recriação das realidades proporciona ao indivíduo uma aproximação ficcional. Para “ler” essas imagens, o indivíduo precisa desconstruí-las em métodos que envolvem imaginação, sentimentos e afeto. A partir das inúmeras leituras e novas representações, o imaginário é alimentado em um processo sucessível e interminável na reconstrução de realidades (KOSSOY, 1998). As imagens escolhidas para compor o álbum fotográfico contemplarão as décadas de sessenta, setenta e oitenta do século XX. Nesse período houve grandes transformações na Universidade de Passo Fundo e, também, no contexto social e político brasileiro. Para tanto, as fotografias devem contemplar um passado relativamente distante e possuírem elementos visuais que retratem personagens ou instalações do meio acadêmico da UPF.

A seleção das imagens ficará a cargo de três pesquisadores: Eliane Lucia Colussi, orientadora, Helenice de Moura Scortegagna, e Rafael Czamanski, mestrando, fotógrafo e docente da UPF, que será, também, responsável pela reprodução e tratamento das imagens. Conterá com a participação, nessa fase da investigação, de Ronaldo Czamanski, fotógrafo e proprietário do acervo da família Czamanski (autorização no anexo 8.1). A partir de seus negativos, as fotografias serão reproduzidas em formato digital, sua

Endereço: BR 285- Km 292 Campus I - Centro Administrativo
Bairro: Divisão de Pesquisa / São José **CEP:** 99.052-900
UF: RS **Município:** PASSO FUNDO
Telefone: (54)3316-8157 **E-mail:** cep@upf.br

Página 02 de 05

UNIVERSIDADE DE PASSO
FUNDO/ PRÓ-REITORIA DE
PESQUISA E PÓS-



Continuação do Parecer: 2.380.026

impressão será realizada em papel fotográfico nos tamanhos de 20 cm X 30 cm e 20 cm X 20 cm, seguindo a mesma proporção da captura da época, nenhuma imagem sofrerá alterações ou manipulações, a fim de garantir sua originalidade. Cada imagem será acompanhada de uma legenda que, por sua vez, informará os seguintes dados referentes à obra:

autor, local retratado, ano da captura, tema retratado, personagens retratados, enquadramento e item adicional.

A fotografia deve ser considerada como um produto cultural, fruto de trabalho social e de produção sócio-cultural (MAUAD, 2005). Ainda, segundo Mauad, para um melhor entendimento, as fotografias devem contemplar assuntos e temas que dialogam entre si. A exemplo disso, todas as imagens devem possuir mais de um elo de ligação entre si, pois todas as imagens deverão estar interligadas. Terceira etapa: serão realizados encontros individuais com seis participantes de um total de doze participantes da pesquisa (um de cada curso: Direito, Odontologia, Agronomia, Belas Artes, Filosofia e Letras), agendados previamente por contato telefônico, no qual a estratégia para coleta de dados será a entrevista com utilização de tópico guia contendo questões relativas ao mundo do trabalho (Que lembranças estas fotos lhe remetem?; Neste momento, você participa de alguma forma na instituição?; Pode falar sobre a vida pessoal e profissional?). Para evocar as memórias será apresentado o álbum fotográfico, o qual poderá ser manuseado pelo professor participante no decorrer do encontro. As entrevistas serão gravadas e, posteriormente, transcritas na íntegra.

Quarta etapa; para a construção de uma memória coletiva do mundo do trabalho e de validação das informações obtidas a partir das narrativas dos participantes em entrevistas individuais prevê-se a realização de grupo focal (GATTI, 2005) com seis dos doze professores universitários aposentados da UPF (um de cada curso: Direito, Odontologia, Agronomia, Belas Artes, Filosofia e Letras). Será realizado um encontro, com duração aproximada de 90 a 110 minutos. O local para realização do grupo será uma sala de aula da UPF preparada antecipadamente. A moderação do grupo será realizada pela professora orientadora e pelo mestrando, pesquisador responsável. Estes terão a incumbência de introduzir a discussão e mantê-la ativa, estimulando a participação homogênea entre os participantes, mantendo o foco no tema de interesse do estudo considerando a livre expressão oportunizada pela técnica. A observação será realizada pela professora coorientadora da pesquisa, que buscará captar as comunicações verbais e não verbais como forma de apoio aos moderadores.

Os dados coletados com as entrevistas serão analisados através do método de análise de conteúdo.

Endereço: BR 285- Km 292 Campus I - Centro Administrativo
Bairro: Divisão de Pesquisa / São José **CEP:** 99.052-900
UF: RS **Município:** PASSO FUNDO
Telefone: (54)3316-8157 **E-mail:** cep@upf.br

UNIVERSIDADE DE PASSO
FUNDO/ PRÓ-REITORIA DE
PESQUISA E PÓS-



Continuação do Parecer: 2.380.026

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os direitos fundamentais dos participantes foram garantidos no projeto e no TCLE. O protocolo foi instruído e apresentado de maneira completa e adequada. Os compromissos do pesquisador e das instituições estavam presentes. O projeto foi considerado claro em seus aspectos científicos, metodológicos e éticos.

Recomendações:

Após o término da pesquisa, o CEP UPF solicita: a) A devolução dos resultados do estudo aos sujeitos da pesquisa ou a instituição que forneceu os dados; b) Enviar o relatório final da pesquisa, pela plataforma, utilizando a opção, no final da página, "Enviar Notificação" + relatório final.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Diante do exposto, este Comitê, de acordo com as atribuições definidas na Resolução n. 466/12, do Conselho Nacional da Saúde, Ministério da Saúde, Brasil, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa na forma como foi proposto.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1010866.pdf	27/10/2017 16:26:58		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TLCE2.docx	27/10/2017 15:31:57	RAFAEL CZAMANSKI	Aceito
Outros	Report_0.pdf	06/10/2017 17:14:20	RAFAEL CZAMANSKI	Aceito
Folha de Rosto	Report_013225.pdf	06/10/2017 16:45:30	RAFAEL CZAMANSKI	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	RAFAEL_.doc	06/10/2017 16:43:06	RAFAEL CZAMANSKI	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Endereço: BR 285- Km 292 Campus I - Centro Administrativo
Bairro: Divisão de Pesquisa / São José CEP: 99.052-900
UF: RS Município: PASSO FUNDO
Telefone: (54)3316-8157 E-mail: cep@upf.br

UNIVERSIDADE DE PASSO
FUNDO/ PRÓ-REITORIA DE
PESQUISA E PÓS-



Continuação do Parecer: 2.380.026

Não

PASSO FUNDO, 13 de Novembro de 2017

Assinado por:
Felipe Cittolin Abal
(Coordenador)

Endereço: BR 285- Km 292 Campus I - Centro Administrativo
Bairro: Divisão de Pesquisa / São José **CEP:** 99.052-900
UF: RS **Município:** PASSO FUNDO
Telefone: (54)3316-8157 **E-mail:** cep@upf.br

Página 05 de 05



PPGEH

Programa de Pós-Graduação em Envelhecimento Humano
Faculdade de Educação Física e Fisioterapia - FEF